



||||| **76 anos de contínua Nakba (catástrofe) palestina** |||||

**OS TRABALHADORES E A JUVENTUDE OPRIMIDA
NO MUNDO TODO AVANÇAM NA LUTA UNITÁRIA
PELO FIM DO GENOCÍDIO DOS PALESTINOS**

**Unir forças para impor a derrota
total do sionismo e do imperialismo
com a luta de classes!**

Manifesto PPRI - 15 de maio de 2024

Há 76 anos, 750 mil palestinos foram expulsos de suas terras e milhões foram forçados ao exílio. Centenas de cidades e povoados foram apagados do mapa. Milhares de homens, mulheres e crianças palestinos foram massacrados. Desde 7 de outubro de 2023, são mais de 35 mil os massacrados pelo sionismo – a maioria mulheres e crianças. Milhares estão desaparecidos sob os escombros, ou foram executados pelas forças israelenses. São também milhares os prisioneiros e os torturados, bem como centenas de milhares os que vivem sob permanente discriminação e perseguição. Gaza é um campo de extermínio, e a Cisjordânia, um gueto, onde são corriqueiros os pogroms contra palestinos. Moradias, hospitais, escolas, universidades, etc. foram reduzidos a pó. Jornalistas e voluntários humanitários foram massacrados. Milhões fogem dos bombardeios e são massacrados a caminho dos campos de refugiados, e até mesmo dentro deles. Colunas de famintos que procuram pela ajuda humanitária viram alvo de franco-atiradores, aviões, drones e tanques. Colonos sionistas, incitados pelo exército israelense, destroem comboios de alimentos e de medicamentos e equipamentos de saúde, condenando assim à morte milhares de palestinos, por inanição

ou por doenças, e pela falta de tratamentos básicos. Após destruir quase toda Gaza, Rafah virou agora alvo de uma nova ofensiva dos genocidas. Mais de um milhão e meio de palestinos não têm mais para onde fugir. O último “bastião seguro” da região virou um novo campo de concentração palestino.

Assistimos à maior operação de limpeza étnica deste século, só comparável ao holocausto judeu perpetrado pelos nazistas. Nazismo e sionismo estão emparelhados pelos objetivos econômicos de suas respectivas burguesias. Mas, também compartilham dos mesmos fundamentos racistas e chauvinistas que os acobertam, para apresentar o genocídio sob máscaras raciais, religiosas ou culturais. A Alemanha nazista justificou o genocídio dos judeus por trás da retórica da “pureza racial” do povo ariano, considerado mais elevado cultural e socialmente, e do direito das raças superiores a utilizar de seus recursos, riquezas e territórios em defesa dos “valores ocidentais”. O direito à existência do estado de Israel tem as mesmas raízes ideológicas racistas dos nazistas. O sionismo quer fazer do Estado de Israel a “única” e legítima representação dos judeus e do judaísmo. Assim, institucionaliza-se o genocídio, porque “está em jogo” o direito dos judeus à existência, considerados uma “raça

superior” em relação aos palestinos, considerados pelo sionismo menos que humanos, quase animais. O sionismo recorre a argumentos ideológicos análogos ao nazismo para justificar a colonização e a posse pela força da Palestina. Por isso, desumanizam os palestinos ao tratá-los como menos que animais, e recorrer aos mesmos métodos do extermínio.

Enquanto a burguesia alemã não ameaçava diretamente os interesses das burguesias imperialistas de outros países, eles fechavam as portas à imigração judia. Foram cúmplices do genocídio que se implementava, ao impedirem milhões de judeus de fugirem. Mas, tudo mudou, quando se deflagrou a disputa bélica por mercados e colônias. A discriminação racial sobre judeus, que os imperialistas norte-americanos, ingleses e francês praticavam, foi momentaneamente deixada de lado, em função da vitória de uma fração da burguesia imperialista sobre a outra. Os governos das potências imperialistas anteriormente vencedoras, hoje, fecham as portas aos palestinos, os discriminam e os amontoam em campos de refugiados, garantindo seu extermínio pelos sionistas, como fizeram também no passado com os judeus.

A “solução final” do sionismo para o que chamam de “problema palestino” é a limpeza étnica **continua |>**

completa dos palestinos, para tomar posse de territórios e concentrar a exploração de recursos naturais em favor da burguesia imperialista e sionista. A apropriação de terras, a limpeza étnica, o terrorismo de Estado e o extermínio marcam com sangue a opressão nacional sobre os palestinos, desde a Nakba até hoje.

De nada adianta exigir à ONU, à Corte Internacional de Justiça ou ao Tribunal Penal Internacional que condenem e punam os genocidas. O imperialismo controla as instituições, e dita o que é ou não é genocídio, em função de seus interesses econômicos e geopolíticos. Aborta qualquer reposição dos governos que exigem o fim do genocídio e que se implementem os boicotes aprovados contra Israel. Esses organismos são nulos para a luta dos palestinos e demais oprimidos do mundo todo.

As condições mundiais para impor o fim do genocídio e do sionismo são hoje muito mais favoráveis que no passado. Os palestinos contam com a ajuda direta da resistência das forças libanesas e houthis, e com a ruptura comercial da Turquia com Israel. Mas, fundamentalmente, das massas exploradas e oprimidas do mundo todo, que cavaram sua trincheira de luta junto à dos palestinos pelo objetivo da derrota do sionismo e a completa libertação da Palestina, do rio ao mar. Contam com a mobilização da classe operária, que já demonstrou ser capaz de estrangular econômica e militarmente o sionismo, ao boicotar e paralisar o envio de armamentos e suprimentos para Israel nos portos e aeroportos de Bélgica, Espanha, Grécia, Índia, etc. E desmontar uma fábrica inteira de armamentos na Inglaterra. O problema é que essa ação não foi estendida e adotada massivamente pelos operários franceses, ingleses e norte-americanos.

A classe operária e os palestinos pagam pela submissão e pela paralisação das direções políticas e sindicais, que se negam a organizar os operários junto aos demais oprimidos, para estrangular a maquinaria bélica imperialista e sionista. Pagam ainda pelas traições da burocracia estalinista, mais interessada na convivência pacífica com o imperialismo que na derrota dele e na ajuda às nações e aos povos oprimidos. Mas, apesar dis-



(...) organizar a luta unitária das massas em cada país para impor aos governos a imediata ruptura de todos os acordos com Israel.

so, o instinto das massas as empurra a superar os obstáculos e a realizar medidas de força para frear o genocídio na Palestina. Assistimos ao maior levante unitário das massas exploradas e oprimidas e da juventude que convergem ao redor de um objetivo e luta unitária. Por isso, é preciso reunir em uma só força a ação das massas exploradas ao redor do objetivo prático do estrangulamento econômico, político, militar e diplomático do sionismo. Por isso, **é preciso organizar a luta unitária das massas em cada país para impor aos governos a imediata ruptura de todos os acordos com Israel.**

Essa tendência instintiva e unitária das massas que ocupam universidades, instituições, realizam manifestações, enfrentam a repressão e paralisam indústrias, portos e aeroportos, atingindo a base material de existência do sionismo genocida, é o que apavora a burguesia e seus governos. Não são capazes de dissolvê-las e contê-las. E, sob pressão dos movimentos e das ações radicalizadas, que crescem e espalham “preocupações” pelos atos “contrários aos direitos humanos”, perpetrados por Israel. Receoso de uma revolta em seu país, o governo egípcio apoiou a África do Sul, em seu processo na CIJ, pela condenação de Israel por genocídio. Centenas de universidades do mundo todo rompem ou suspendem relações com instituições e empresas de Israel. Espanha, Irlanda, Bélgica etc. estudam impor sanções e

embargo de armas. Aqui, no Brasil, o governo suspendeu a compra de obusseiros e viaturas blindadas.

A suspensão, no entanto, é uma medida dos governos e instituições para evitar a ruptura definitiva de relações com Israel, e por isso constitui uma promessa de retomada futura dessas mesmas relações, nas condições de um cessar fogo mais duradouro. Significa que se retomarão futuramente os acordos, sem que os palestinos conquistem seu objetivo histórico de constituir um estado uno, livre do sionismo, do rio ao mar. Garante assim o direito de existência de Israel, que nada mais é que deixar em pé as raízes e instrumento do contínuo genocídio e limpeza étnica que começou em 1948. É um distracionismo para amenizar a luta das massas contra o genocídio. **É por tudo isso que não devemos colocar como bandeira dos nossos movimentos a suspensão de acordos, e sim a ruptura total de relações.** Se os governos apenas suspendem esses acordos sob a pressão das massas, é preciso mantê-los sob a pressão, para que conquistemos a ruptura.

Para derrotar o sionismo e a ofensiva repressiva da burguesia contra as massas que se erguem contra o genocídio, e enfrentam seus governos cúmplices dos massacres, se faz necessário avançar a unidade de ação frentista entre os trabalhadores e a juventude para impor as reivindicações com a luta de classes. **Está nas mãos das massas organizadas, recorrendo a seus próprios métodos, impor o fim do genocídio e ajudar na derrota militar dos carniceiros de palestinos.** É assim que as massas mundiais darão passos para derrotar seus governos e ajudarão os palestinos a vingarem os milhões de vidas palestinas ceifadas, destruindo o estado sionista e constituindo um estado Palestino uno e socialista, do rio ao mar.

A política proletária deve ajudar em que a luta das massas nacionais e mundiais possa convergir ao redor de um programa, reivindicações, objetivos e métodos comuns, para assim avançar na luta revolucionária, a partir das reivindicações colocadas pelas massas em luta. Em meio dessa luta se forjará a direção revolucionária, unindo a luta pelo fim do genocídio à luta contra a burguesia mundial.